

O LOCAL DA CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR Clélio Campolina Diniz

VICE-REITORA Rocksane de Carvalho Norton

EDITORA UFMG

DIRETOR Wander Melo Miranda

VICE-DIRETOR Roberto Alexandre do Carmo Said

CONSELHO EDITORIAL

Wander Melo Miranda (PRESIDENTE)

Ana Maria Caetano de Faria

Flavio de Lemos Carsalade

Heloisa Maria Murgel Starling

Márcio Gomes Soares

Maria das Graças Santa Bárbara

Maria Helena Damasceno e Silva Megale

Roberto Alexandre do Carmo Said

HOMI K. BHABHA

O LOCAL DA CULTURA

MYRIAM ÁVILA
ELIANA LOURENÇO DE LIMA REIS
GLÁUCIA RENATE GONÇALVES
Tradução

2ª edição

Belo Horizonte
Editora UFMG
2013

© 1998 Homi K. Bhabha

Título original : The Location of Culture

ROUTLEDGE -London, New York, 1994

© 1998 da tradução brasileira: Editora UFMG

2001 - 1ª reimpressão | 2003 - 2ª reimpressão | 2005 - 3ª reimpressão

2007 - 4ª reimpressão | 2010 - 5ª reimpressão | 2013 - 2ª edição

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

B575l Bhabha, Homi K., 1949-
 O local da cultura / Homi K. Bhabha ; tradução de Myriam Ávila,
 Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. –
 Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.
 441 p. – (Humanitas)

 Tradução de: The Location of Culture.
 Inclui bibliografia.
 ISBN: 978-85-7041-861-6

 1. Literatura moderna, séc. XIX – História e crítica. 2. Literatura
 moderna, séc. XX – História e crítica. 3. Política e cultura. 4. Política
 e literatura. 5. Cultura. 6. Pós-modernismo. 7. Imperialismo na
 literatura. 8. Estudos interculturais. I. Ávila, Myriam. II. Reis, Eliana
 Lourenço de Lima. III. Gonçalves, Gláucia Renate. IV. Título. V. Série.

CDD: 306
CDU: 008

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação
Biblioteca Universitária da UFMG

DIRETORA DA COLEÇÃO Heloisa Maria Murgel Starling
COORDENAÇÃO EDITORIAL E ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA Michel Gannam
ASSISTÊNCIA EDITORIAL Eliane Sousa e Euclídia Macedo
COORDENAÇÃO DE TEXTOS Maria do Carmo Leite Ribeiro
VERSÃO INICIAL DA TRADUÇÃO DE “DISSEMINAÇÃO” Maria Luiza Cyrino Valle
PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO DE TEXTO Olga Maria Alves de Sousa
REVISÃO DE PROVAS André Luiz Gomes e Maria Diana C. Santos
PROJETO GRÁFICO Cássio Ribeiro, a partir de Glória Campos - *Mangá*
COORDENAÇÃO GRÁFICA Cássio Ribeiro
FORMATAÇÃO Priscila Nardy
CAPA Paulo Schmidt, ilustração sem título, esmalte sobre tela, 60x80cm, 1995
PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD II / Bloco III

Campus Pampulha | 31270-901 | Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-4650 | Fax: (31) 3409-4768

editora@ufmg.br | www.editora.ufmg.br

Para Naju e Kharshedji Bhabha

SUMÁRIO

TRADUZINDO BHABHA		
Algumas considerações	9	
AGRADECIMENTOS	11	
INTRODUÇÃO		
LOCAIS DA CULTURA	19	
CAPÍTULO I	O COMPROMISSO COM A TEORIA	47
CAPÍTULO II	INTERROGANDO A IDENTIDADE	
	Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial	77
CAPÍTULO III	A OUTRA QUESTÃO	
	O estereótipo, a discriminação	
	e o discurso do colonialismo	117
CAPÍTULO IV	DA MÍMICA E DO HOMEM	
	A ambivalência do discurso colonial	145
CAPÍTULO V	CIVILIDADE DISSIMULADA	157
CAPÍTULO VI	SIGNOS TIDOS COMO MILAGRES	
	Questões de ambivalência e autoridade sob	
	uma árvore nas proximidades de Delhi,	
	em maio de 1817	171

CAPÍTULO VII	ARTICULANDO O ARCAICO Diferença cultural e nonsense colonial	203
CAPÍTULO VIII	DISSEMINAÇÃO O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna	227
CAPÍTULO IX	O PÓS-COLONIAL E O PÓS-MODERNO A questão da agência	275
CAPÍTULO X	SÓ DE PÃO Signos de violência em meados do século dezenove	315
CAPÍTULO XI	COMO O NOVO ENTRA NO MUNDO O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural	335
CONCLUSÃO	“Raça”, tempo e a revisão da modernidade	373
NOTAS		405
ÍNDICE		433

TRADUZINDO BHABHA

Algumas considerações

Dono de uma redação muito própria, que reflete na sintaxe a complexidade da argumentação que expõe, Homi Bhabha é considerado um autor de difícil leitura mesmo pelos leitores que têm o inglês como língua materna. Isto coloca para o tradutor a delicada opção de, ou reeditar no português a intrincada expressão do texto original, ou parafraseá-lo em linguagem mais direta. Se levarmos em conta a posição de Theodor Adorno, segundo o qual banalizar a linguagem é banalizar o pensamento que ela veicula, a tarefa do tradutor seria manter a dificuldade de leitura no mesmo patamar da dificuldade teórica do texto. Entretanto, isto exigiria uma familiaridade tão grande com a teoria proposta — a qual, mais do que um construto acabado, é uma construção que se dá *na linguagem* — quanto a do próprio autor, familiaridade que as tradutoras do presente livro não podem pretender ter. Optamos, portanto, por conservar até certo ponto a estranheza da formulação original, mas “traduzindo”, em alguns pontos, a expressão do autor para uma forma um pouco mais transparente. Temos consciência de que a operação da tradução, por mais literal que seja, implica inevitavelmente uma negociação de significados, já que estes estão profundamente imbricados na forma. Pedimos portanto que o leitor, diante do estranhamento de que de certo se verá possuído ao ler os ensaios que compõem este volume, reconheça

nele a postura teórica intencional e necessária de um texto que se quer fronteiriço, descentrado e ambivalente — como o lugar deslizante de onde emerge o discurso híbrido daqueles que Salman Rushdie denomina *homens traduzidos*.

Uma grande dificuldade que enfrentamos foi a de procurar reproduzir em português os complexos jogos de linguagem e a ambiguidade que perpassa a escrita de Bhabha. Tentamos obter equivalentes em nossa língua para os diversos neologismos criados pelo autor e para aqueles que constituem conceitos-chave em sua obra. Muitas vezes usamos como inspiração outros neologismos já incorporados à linguagem crítica; assim, para os termos *in-between*, *time-lag* e outros afins, partimos da conhecida formulação de *entre-lugar*, de Silviano Santiago — daí os termos *entre-meio* e *entre-tempo*, por exemplo. Em alguns casos, optamos por uma tradução literal, principalmente para termos que já começam a ser adotados pelo discurso crítico acadêmico mas que ainda não se encontram dicionarizados, como ocorreu com *agency*, já conhecido como *agência* ou *intervenção*, ou com *empowerment*, traduzido como *aquisição de poder*. Quanto aos termos específicos de certas áreas de saber, como a filosofia e a psicanálise, procuramos seguir a nomenclatura em uso, de acordo com a bibliografia especializada. Nossa preocupação maior, porém, foi em sermos consistentes e constantes no uso da expressão pela qual optamos ao traduzirmos aqueles termos recorrentes ao longo do livro.

Acreditamos que a divulgação da obra de Bhabha será de extrema relevância no Brasil tanto no âmbito da crítica literária quanto dos estudos culturais devido à transdisciplinaridade que caracteriza sua abordagem. Entregamos deste modo ao público o resultado de um trabalho demorado e árduo, na esperança de proporcionar ao leitor não apenas o acesso mais direto à teoria, mas também o sabor — singular e inusitado — da fina escrita de Homi K. Bhabha.

*Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e
Gláucia Renate Gonçalves*

AGRADECIMENTOS

A melhor maneira de se registrar a memória da gratidão não é, certamente, através das cuidadosas listas de pessoas e lugares que a página de agradecimentos comporta. A ajuda que recebemos acontece de forma bem mais casual. Dá-me um prazer especial observar que muitas das pessoas mencionadas abaixo já se sentaram conosco à mesa da cozinha. Foi nessa atmosfera que muitas vezes os relacionamentos acadêmicos se tornaram amizades duradouras.

A evolução deste livro tem um débito pessoal para com um grupo de questionadores e coconspiradores: Stephan Feuchtwang, por ter feito a pergunta ainda não pensada; James Donald, pelos prazeres da precisão, sem que dissesse “precisamente”; Robert Young, pelas leituras primorosas e sua tolerância à teoria por telefone; Gyan Prakash, por insistir que a erudição deve receber o fermento do estilo.

Quero aqui mencionar a *oeuvre* pioneira de Edward Said, que me forneceu um terreno crítico e um projeto intelectual; a coragem e o brilhantismo de Gayatri Spivak, que estabeleceu níveis elevados de instigação; e, finalmente, a obra de Stuart Hall, que considero exemplar pela combinação de acuidade política com uma inspiradora visão de inclusão. Ranajit Guha e os pesquisadores dos subalternos forneceram-me o mais estimulante exemplo recente de revisão histórica. As primeiras exortações de Terry Eagleton em Oxford para uma atenção ao método materialista mostraram-se mais tarde um conselho consistente.

A obra de Toni Morrison teve papel formativo em meu pensamento a respeito da temporalidade narrativa e histórica; muitas de minhas ideias sobre o espaço “migrante” e de minoria foram provocadas pelos romances de Salman Rushdie. Devo a esses notáveis escritores um significativo débito pessoal e intelectual. Ao permitir que eu extraísse citações de dois de seus inspirados poemas, Derek Walcott demonstrou grande generosidade. O mesmo posso dizer de Anish Kapoor, cuja profunda exploração do espaço escultural forneceu uma imagem para a capa da edição original do livro.

Stephen Greenblatt foi exemplar em sua habilidade de, através dos anos, forjar um projeto compartilhado através de um diálogo de sutil empatia. Gillian Beer e John Barrell abriram os séculos dezoito e dezenove às questões pós-coloniais. Joan Copjec percebeu imediatamente o que eu queria dizer com “mímica” e ajudou-me a ler Lacan. O Essex Conference Collective e Peter Hulme em particular são responsáveis pela promoção de alguns dos eventos mais produtivos e cooperativos de que já participei. Henry Louis Gates e W.T. Mitchell convidaram-me a contribuir para *Race, Writing and Difference*, dando corpo à ideia de uma nova comunidade de pesquisa. Em um estágio inicial, Joan Scott, Elizabeth Weed, Kaja Silverman, Rey Chow e Evelyn Higginbotham “esmiuçaram” de forma muito útil o meu trabalho durante o Seminário no Pembroke Center Seminar da Universidade de Brown. Houston Baker teve a generosidade de convidar-me como conferencista da série de palestras Richard Wright no Centro de Literatura e Cultura Negras na Universidade da Pensilvânia, uma responsabilidade e oportunidade intelectual excepcionais.

Meu “lar” acadêmico durante uma visita à Austrália foi a Universidade de Queensland; agradeço a John Frow, Helen Tiffin, Alan Lawson, Jeff Minson e aos participantes do seminário de Teoria Avançada. O Centro Nacional de Ciências Humanas de Canberra também deu-me um generoso apoio. David Bennett, Terry Collits e Dipesh Chakrabarty prepararam o coquetel perfeito para um congresso: duas doses de prazer e

uma de trabalho, misturar bastante e deixar assentar! Meaghan Morres e Sneja Gunew têm-me ajudado, ao longo dos anos, a repensar perspectivas e prioridades.

Minha permanência nas universidades da Pensilvânia e de Princeton propiciou-me o tempo de que eu precisava para completar este trabalho. A contribuição de meus alunos de pós-graduação nos dois lugares foi inestimável.

O Departamento de Inglês e o Centro de Literatura Negra da Universidade da Pensilvânia convidaram-me a assumir o posto de Professor Visitante. Meus agradecimentos a John Richetti, Houston Baker, Wendy Steiner, Stephen Nicholls, Marjorie Levinson, Arjun Appadurai, Carl Breckenridge, Deidre David, Manthia Diawara e Peter Stallybrass.

Em Princeton, Elaine Showalter foi uma anfitriã das mais generosas, tornando possível um ano estimulante. Victor Brombert, que podia passar, sem sair do compasso, do *bel canto* aos seminários Gauss, foi um apoio inestimável. Natalie Zemon Davis ofereceu críticas perspicazes e construtivas. Arcadio Diaz-Quñones nunca deixou de temperar a instrução com o deleite. Arnold Rampersad doou generosamente seu tempo e conselhos. A presença de Cornel West atuou como inspiração para repensar o conceito de “raça”; aprendi muito assistindo aos seminários de Nell Painter e Cornel West sobre a tradição intelectual afro-americana.

Devo muito a um grupo de pesquisadores e amigos do Departamento de Inglês de Princeton que contribuíram de maneira incalculável para o desenvolvimento dessas ideias: Andrew Ross, Wahneema Lubiano, Eduardo Cadava, Diana Fuss, Tom Keenan e Barbara Browning.

Tenho um prazer particular em reconhecer a influência crucial de ideias vindas de fora (ou das margens) da Academia. David Ross e Elisabeth Sussman, do Museu Whitney de Nova Iorque propiciaram-me oportunidades desafiadoras. Alberta Arthurs, Tomas Ybarra Frausto e Lynn Szwaja, da Fundação Rockefeller, ensinaram-me a pensar os estudos culturais em novos ambientes intelectuais e sociais.

Além de eventos e instituições específicos, o desenvolvimento gradual de ideias e diálogos faz surgir uma cadeia de pessoas e de lugares. Meus alunos da Universidade de Sussex participaram ativamente do desenvolvimento de muitos temas e ideias. Entre os diversos colegas que me apoiaram, Laura Chrissman, Jonathan Dollimore, Frank Gloversmith, Tony Inglis, Gabriel Josipovici, Cora Kaplan, Stuart Laing, Partha Mitter, Jacqueline Rose, Alan Sinfield, Jenny Taylor, Cedric Watts e Nancy Wood foram especialmente generosos com seu auxílio em várias ocasiões. Há outros, amigos íntimos e companheiros intelectuais, que merecem tanto a gratidão pela labuta diária como pelo prazer compartilhado de muitas epifanias: Parveen Adams, Lisa Appignanesi, Emily Apter, Dorothy Bednarowska, Ellice Begbie, Andrew Benjamin, Lauren Berlant, Jan Brogden, Benjamin Buchloh, Victor Burgin, Abena Busia, Judith Butler, Bea Campbell, Iain Chambers, Ron Clark, Lidia Curti, Nick Dirks, Maud Ellmann, Grant Farred, John Forrester, David Frankel, Tschome Gabriel, Cathy Gallagher, Paul Gilroy, Sepp Gumbrecht, Abdul Janmohamed, Isaac Julian, Adil Jussawalla, Ann Kaplan, Mary Kelly, Ernesto Laclau, David Lloyd, Lisa Lowe, Ann McClintock, Phil Mariani, Pratap Mehta, Liz Moore, Rob Nixon, Nicos Papastergiadis, Benita Parry, Ping hui Liao, Helena Reckitt, Bruce Robbins, Irene Sheard, Stephen Sleaman, Val Smith, Jennifer Stone, Mitra Tabrizian, Mathew Teitelbaum, Tony Vidler, Gauri Viswanathan, Yvonne Wood. Zareer Masani enfrentou muitas tempestades comigo e Julian Henriques restabeleceu frequentemente o bom tempo. John Phillips e Rebecca Walkowitz ajudaram-me a preparar o manuscrito para publicação com eficiência e compreensão.

Desfrutei de uma relação muito cooperativa com meus editores. Janice Price foi amiga e interlocutora em todos os estágios deste trabalho. Sua percepção significou muitíssimo para mim. A elegância do estilo de Talia Rodgers estende-se

desde a capa até o conteúdo; trabalhar com ela foi imensamente prazeroso. Sue Bilton demonstrou possuir reservas de paciência e perseverança que me deram uma lição de aperfeiçoamento contínuo.

Embora nossas vidas sejam agora vividas em países diferentes, meus pais têm sido uma fonte do mais profundo apoio. A Hilla e Nadir Dinshaw ofereço meus agradecimentos de coração pelas incontáveis gentilezas durante o período de redação. Estou profundamente grato a Anna MacWhinnie por tornar possíveis muitas oportunidades de trabalho e recreação. Meus filhos Ishan, Satya e Leah foram autênticos companheiros. Jamais respeitaram a santidade do gabinete de estudo. Suas interrupções foram frequentes e insubstituíveis. Para além deste livro ou de qualquer outro, agradeço a Jacqueline por compartilhar a insatisfação que é o motor do pensamento e por suportar a ansiedade da incompletude que acompanha o ato de escrever.

Homi Bhabha - Londres, 1993

O autor e os editores gostariam de agradecer às seguintes pessoas pela permissão de reproduzir material com direitos reservados:

“O Compromisso com a Teoria” foi reproduzido de *Questions of Third Cinema*, organizado por J. Pines e P. Willemsen (1989) com a gentil permissão do British Film Institute.

“Interrogando a Identidade” foi reproduzido de *The Anatomy of Racism*, organizado por David Goldberg (1990) com a gentil permissão de The University of Minnesota Press.

“A Outra Questão” foi reproduzido de *The Sexual Subject: A Screen Reader in Sexuality*, organizado por M. Merck (1992) com a gentil permissão da Editora Routledge.

“Da Mímica e do Homem” (*October: Anthology*, Boston, Mass.: MIT Press, 1987) e “Civilidade Dissimulada” (*October*, Winter 1985, MIT Press) são reproduzidos por gentil permissão de *October*.

“Signos Tidos como Milagres” foi reproduzido com a gentil permissão da Chicago University Press a partir de *Race, Writing and Difference: Special Issue of the Journal*, organizado por Henry Louis Gates Jnr, *Critical Inquiry* (1985).

“Articulando o Arcaico” foi reproduzido de *Literary Theory Today*, organizado por Peter Collier e Helga Gaya-Ryan (Polity Press, 1990) com a gentil permissão da Editora Blackwell.

“O Pós-Colonial e o Pós-Moderno” foi reproduzido de *Redrawing the Boundary of Literary Study in English*, organizado por Giles Gunn e Stephen Greenblatt (1992) com a gentil permissão da Modern Languages Association.

“‘Raça’, Tempo e Revisão da Modernidade” foi reproduzido de *Neocolonialism*, organizado por Robert Young, *Oxford Literary Review* 13 (1991) p.193-219, com a gentil permissão de *Oxford Literary Review*.

Versos da canção *Ac-cent-tchu-ate the Positive* foram reproduzidos com a gentil permissão de International Music Publications Ltd.

A arquitetura deste trabalho está enraizada no temporal.
Todo problema humano deve ser considerado do ponto
de vista do tempo.

Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks*

*You've got to
"Ac-cent-tchu-ate the pos-i-tive
E-li-mi-nate the neg-a-tive",
Latch on to the af-firm-a-tive,
Don't mess with Mister In-be-tween.*

[Você tem de
"A-cen-tu-ar o po-si-tivo,
E-li-mi-nar o ne-ga-tivo",
Feche com o a-fir-ma-ti-vo,
Não se meta com o Sr. Nem-cá-nem-lá.]

Refrão de "Ac-cent-tchu-ate the Positive",
de Johnny Mercer